

## O GÊNERO (DES)FEITO EM COMUNIDADES TERREIRO DE CANDOMBLÉ KETU NO RIO DE JANEIRO<sup>1</sup>

Fábio Henrique Labri da Costa<sup>2</sup>; Fernando Altair Pocahy<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Resumo:** Este trabalho é parte dos movimentos iniciais de pesquisa que busca cartografar os processos de subjetivação envolvidos na marcação de identidades de gênero e sexualidade nos espaços-tempo das comunidades terreiro de candomblé, sobretudo no que se refere às identidades trans. Esta pesquisa investiga os sentidos e sentimentos que os Babalorixas e Yalorias do candomblé têm sobre o pertencimento e as vivências de travestis e transexuais em seus territórios (sagrados). Esse percurso de trabalho tem início no Ilê Axé Onise gum, onde o primeiro autor do texto é líder religioso, e rastreia outros espaços-tempos, outros territórios e o pensamento de alguns sacerdotes, que compõe o atual sistema religioso do candomblé Ketu no estado do Rio de Janeiro. A pesquisa assume por ora lances cartográficos e o que se põe em tela pelo instante são aproximações analíticas a partir de conversas com pessoas que compõem esses territórios e que nos auxiliam na produção de uma problematização interseccionada sobre gênero, sexualidade e religião. Os pressupostos e abordagens teórico-metodológicas que fundamentam a pesquisa apresentam-se em aproximação às análises pós-estruturalistas de base foucaultiana e suas articulações com os estudos feministas, as teorizações Queer e estudos Pós(de)-coloniais.

**Palavras-chave:** Educação, Gênero, Sexualidade, Candomblé, Religião.

### Introdução

O presente estudo busca sentidos produzidos por indivíduos iniciados no candomblé face às interpelações da (hetero)cisnormatividade. Em nossas apostas de pesquisa seguimos no rastro de Judith Butler (2010) quando apresenta o desafio de pensar o conceito de gênero não somente como culturalmente construído, mas informando que nosso olhar sobre o sexo é desde sempre gendrado. Como forma de acompanhar essa produção de gênero nos terreiros a pesquisa em curso busca inicialmente compreender como se dá o acolhimento e a vivência de travestis e transexuais, as práticas religiosas por elas desenvolvidas durante os rituais do culto

---

<sup>1</sup> Trabalho integrante e apoiado pelo financiamento JCNE/FAPERJ-2014-2018 concedido ao Prof. Dr. Fernando Pocahy.

<sup>2</sup> Graduado em Letras, Mestrando em Educação/ Programa de Pós-Graduação em Educação ProPEd-UERJ, flabri@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd-UERJ, pocahy@uol.com.br

e como as pedagogias de gênero e sexualidade exercidas e veiculadas no candomblé articulam-se na produção de práticas corporais e na relação com o sagrado.

Considerando que os processos educativos em terreiro de candomblé ocorrem de maneira contextualizada e viva, como confirma Marques (2014), “aprende-se olhando, escutando, comendo, vestindo, fazendo, imitando, vivendo o candomblé com o corpo e a alma” (p.84), compreendemos que os saberes tradicionais e os simbolismos não são apenas transmitidos, outrossim, são compartilhados e vivenciados pelos sujeitos e pelos seus discursos em conexão com as entidades sagradas nesses cotidianos. Caputo (2012) colabora com este debate afirmando que: “os terreiros são espaços educativos, de circulação de conhecimentos, saberes e memória... [onde] se afirmam identidades, constroem-se laços de pertencimentos e parentesco (...) espaços produtores de subjetividades”.

Nilda Alves (2009), nos estudos e pesquisas desenvolvidos sobre ‘cotidianos escolares e outros cotidianos’, afirma que construímos conhecimento de duas formas: a primeira surge com a modernidade “indo por caminhos obrigatórios, sempre iguais, sequenciais e hierarquizados” (p.7); o outro modo, crescente na contemporaneidade, “aquele que foi visto como sendo tecido em redes de conhecimentos e significações, em nosso viver cotidiano” (p.7). Nesse mesmo rastro de estudos sobre cotidianos, falando sobre identidades diaspóricas, a professora Mailsa Carla Passos (2009) nos afirma que “Processos identitários não são fenômenos fixados e estáveis, já que as identidades se estabelecem na constante negociação do sujeito com seu meio, com a história, com as produções discursivas que circulam socialmente” (p.21). Neste sentido, as comunidades terreiro constituem “outros cotidianos”, espaços-territórios onde “os conhecimentos e as significações são tecidos, percebendo que isso exige que se admitam as diferenças culturais sem hierarquias, o que abre múltiplas possibilidades ao ato humano de conhecer” (ALVES, 2009, p.7).

Os estudos de Foucault (1996) sobre discurso e produção dos sujeitos, os quais realizam um exame da modernidade e da constituição dos seus dispositivos de saber/poder, possibilitou a constituição da ideia dos sujeitos modernos, dóceis e úteis, o que torna o presente estudo em um projeto de relevante importância para o campo educacional.

Nosso estudo busca, assim, cartografar processos de subjetivação e os sentidos produzidos por indivíduos iniciados no candomblé face às interpelações da heterocisnormatividade. Contamos nessa tessitura com a interlocução privilegiada de homens e mulheres *trans*, sujeitos que constituem um grupo sempre presente (e de diferentes formas) nas práticas e

rituais religiosos do candomblé. Esse grupo participou e participa ativamente de lutas e resistências que foram e são imprescindíveis à continuidade do culto.

## **(DES)CAMINHOS DA PESQUISA**

Para responder aos questionamentos propostos inicialmente neste trabalho nos empenhamos em uma pesquisa cartográfica na comunidade terreiro em que eu sou Babá Kekerê<sup>4</sup>, o Ilê Axé Onixegun, localizado no Município de Guapimirim/RJ. A pesquisa-intervenção (como pode ser compreendida a cartografia) é articulada a partir de conversas com pessoas que compõem os territórios (sagrados) e que nos auxiliam na produção de uma problematização interseccionada sobre gênero, sexualidade e religião. Conversamos com dez sacerdotes (Babalorixás e Yalorixás<sup>5</sup>) do culto de matriz africana, candomblé, que são líderes religiosos com casas abertas e em pleno funcionamento no estado do Rio de Janeiro, buscando acompanhar algo dos sentidos produzidos nesses espaços-tempos do sagrado, com ênfase para as discussões sobre a tessitura das posições de gênero e sexualidade em seus terreiros. A pesquisa conta com a participação e contribuição de vários/as praticantes de comunidades terreiro de candomblé por intermédio de suas vivências. Trata-se de uma pequena amostra de um universo de tensões que constituem o atual sistema religioso do candomblé Ketu no estado do Rio de Janeiro, incluindo-se a nossa participação ativa nesse contexto religioso. Assumimos (primeiro autor e segundo autor/orientador) os riscos de uma posição que leva em contra que as coisas que fazemos-vivemos, entre elas a ciência, são coisas deste mundo, estão encharcadas de (nossos) mundos, nossas posições/implicações com o mundo e o modo como produzimos conhecimento com o mundo e não sobre o mundo, as coisas, as pessoas... a vida. O conhecimento é aqui conhecimento da vida, para a vida.

## **NOTAS DE CAMPOS EM ANÁLISE**

A partir de algumas interlocuções buscamos abrir espaço de escuta e discussão sobre identidades *trans* no contexto das pesquisas que interseccionam gênero e religião. Algumas de

---

<sup>4</sup> Pai pequeno do Axé e/ou da Comunidade.

<sup>5</sup> Chefe espiritual e administrador da casa, responsável pelo culto aos orixás.

nossas interlocuções apontam que a presença e iniciação de travestis e transexuais no candomblé mobiliza as comunidades com alguma margem de liberdade, mas certamente imersa nas tramas do sagrado que são des(a)fiadas pela cultura praticada nos dias atuais:

*“as comunidades de terreiro são espaços onde não existe preconceito”;*

*“Nossa comunidade aprendeu a respeitar as diferenças, são pessoas tem ori(cabeça) e se tem bom coração e fé, não está em questão a orientação sexual”;*

*“Podem e devem ser iniciados se assim for a vontade do sagrado”.*

Ponderamos, a partir de nossa experiência nos territórios do sagrado<sup>6</sup> e dos ecos de nosso mergulho nessa trama de sentidos e fluxos da/na cultura, o candomblé sempre teve uma relação de acolhimento com as sexualidade dissidentes que borram de certa forma as normas heteronormativas, possibilitando em seus territórios espaços para diversas tipos de performances da sexualidade de seus sujeitos. Muito desse acolhimento está ancorado na cosmovisão que sustenta os princípios e rituais da religião, onde, entre os Orixás, deuses, existem aqueles cuja identidade sexual abriga elementos performáticos do feminino e masculino ao mesmo tempo (Rios, 2011; Sogbossi, 2011; Mesquita, 2004). Segundo Mesquita (2004)

*“no candomblé, a homossexualidade parece encontrar um lugar onde pode mesmo se expressar criativamente, seja através dos atributos mágicos dos pais-de-santo, seja através das incontáveis habilidades artísticas, culinárias e estéticas, além da disponibilidade afetiva, constitutivas do imaginário sobre os filhos-de-santo” (p.102).*

Entretanto, constatamos que essa aceitação em muitos territórios não se dá de forma tão simples como parece, visto que as performances (hetero)cisnormativas são muitas vezes reproduzidas nestes espaços, e a presença de travestis e transexuais não são bem vindas, ou reduzida através de uma série de interdições, não exigidas aos iniciados (hetero)cis.

Perguntado sobre o que define masculinidade e feminilidade dentro dessa tradição religiosa, as respostas de nossos interlocutores demonstram que não há um consenso e que os sentidos dos termos deslizam nas tramas do sagrado, evidenciando que estão vivos na cultura. Percebemos de forma positiva tal tensionamento, pois ele demonstra que as mentalidades das lideranças religiosas são elas também interpeladas pelo nosso tempo e se modificam em certa medida. Entre as tensões e fluxos da cultura, algumas permanências ocupam lugar no

---

<sup>6</sup> No caso, o primeiro autor.

imaginário coletivo dos dogmas religiosos, notadamente sobre a fixação do corpo ao regime de gênero:

Sacerdote 1 *“O gênero ao qual a pessoa efetivamente pertence, seja por nascimento ou por transição definitiva.”*

Sacerdote 2 *“o ara (corpo) pode ter uma energia vital de acordo com o sexo de nascimento, mas o Ori (cabeça), é capaz de estabelecer uma orientação sexual diversa. Um exemplo: é cientificamente comprovado que a compleição muscular do homem, devido a herança genética, é diferente da mulher. Um homem trans então pode pensar, sentir, agir de forma feminina, mas não perderá a força física. Ou seja: corpo (genética) e cabeça (emoção) são distintos. Mas, conforme o critério litúrgico, é a energia do sexo (corpo) é que determinará as funções e cargos rituais.*

Sacerdote 3 *“Acredito na ligação do Ori(Cabeça) com o Orum(céu) e o Ayê(Terra), logo se uma cabeça pensa como mulher, acredita ser uma mulher, ainda que o tenha nascido com outro sexo ela precisa ser respeitada como mulher”.*

Sacerdote 4: *“Útero :Presença feminina, culto ligado às Mães Ancestrais, que gera vida e consequentemente continuidade. Candomblé é culto de ancestral! Pênis ...representa a virilidade e a força masculina, poder de introduzir vida é assim um equilíbrio da continuidade. Fêmea. Macho.”*

Sacerdote 5: *A travesti vai ser respeitada como ela é. Eu tenho quatro filhas de santo transexuais e, dessas quatro, três já fizeram cirurgia. Elas são tratadas como mulheres porque assim elas o são.”*

Observamos em nossas conversas que há uma resistência em relação ao corpo da travesti. Segundo o sacerdote 1:

*“penso que a situação do travesti não seja a mesma de um transex, sobretudo se a transição física já foi efetivada”.*

Tal afirmação encontra-se presente de certo modo nos estudos etnográficos Diadema, Jimenez e Adorno (2009) que já haviam verificado situação semelhante ao constatar que sua aceitação é próprio de um contexto delimitado e que “a religiosidade afro-brasileira já não se mostra tão

premente no mundo travesti”.

Existem tarefas religiosas que são destinadas a homens e outras que são destinadas a mulheres nos terreiros. Questionado sobre como são conduzidas a realização dessas tarefas por homens e mulheres *trans*, a maioria disse que era a identidade de gênero que definia a sua realização, chamou-me atenção a fala do Sacerdote 3: “*a transexual, que após a efetivação da transição física, em respeito ao ori da pessoa, deverá ser inserida como tal, fato este restrito ao travesti*”. Vemos mais uma vez restrição ao papel desenvolvido pela travesti na casa de candomblé. As interlocuções estabelecidas sinalizam que as práticas do candomblé guardam consigo algo da imbricada relação com a cisnorma. Por certo assume singularidade que por ora se coloca como desafio para uma pesquisa que está começando. Se não há restrições ao pertencimento religioso em relação às travestis ou à diversidade sexual, por outra parte o corpo cisgendrado parece ocupar lugar no sagrado das práticas que estamos acompanhando

## **APONTAMENTOS INCONCLUSOS**

De nossas andanças percebemos que existe no candomblé algumas ambiguidades e restrições quanto ao acolhimento a travestis e transexuais, aproximando-se muitos dos posicionamentos na direção de discursos de gênero e de sexualidade cisnormativas. Os efeitos disso no modo como certos sujeitos vivenciam o cotidiano religioso é muitas vezes doloroso e muitos/as sujeitos ainda que permaneçam nesses espaços não conseguem vivenciar plenamente a identidade de gênero e a sua religiosidade no terreiro. Outros/as desistem e preferem abrir mão da vivência religiosa e vão embora.

Nossos questionamentos e algumas inquietações surgem de um encontro de quem está desenvolvendo uma pesquisa “por dentro” (o primeiro autor) e um companheiro de problematizações (o orientador) e nos conduziram até esse momento, muitíssimos inicial, a pensar que os conhecimentos produzidos nos cotidianos dos terreiros são produtos das relações intensas entre o sagrado e os desafios em se pensar o corpo na intersecção entre gênero e sexualidade. Sujeitos que ao mesmo tempo são produtos e produtores dos espaços por onde circulam numa relação que também produz diferença. Conhecimento que produz subjetividades nas interrelações entre o indivíduo, o sagrado, o social, a cultura e o singular que marca a cada espaço-tempo do sagrado e que nos permite lançar a inquietante pergunta

sobre o lugar do corpo e das marcas de gênero aqui: quais são os termos e negociações cotidianas (nos termos educativos) em que o gênero é (des)feito nos territórios sagrados do candomblé?

## **REFERÊNCIAS:**

ALVES, Nilda, PASSOS, Mailsa C., ALVES, Neila G. et al. Cotidianos, imagens e narrativas. In: Salto para o futuro, TVescola, 2009

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução Renato Aguiar. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAPUTO, Stela Guedes. Educação nos Terreiros e como as Escolas se Relacionam com Crianças de Candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro, edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2010.

JIMENEZ, Luciene; ADORNO, Rubens C.F. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. In: Cadernos Pagu, (33), 2009, p. 343-367.

MARQUES, Juracy. Pele de Orixá. In: II Seminário Internacional de Ecologia Humana: A pesquisa em Ecologia Humana, 2014 anais, Paulo Afonso: UNEB 2014.

MESQUITA, Ralph Ribeiro. Entre homens, mulheres e deuses: identidade, gênero e (homo) sexualidade no contexto religioso afro-brasileiro, Revista Gênero, v. 4, n. 2, 2004.

RIOS, Luis Felipe. “LOCE LOCE METÁ RÊ-LÊ!”: posições de gêneroerotismo entre homens com práticas homossexuais adeptos do candomblé do Recife. In: Revista Pólis e Psique, vol. 1, 2011.

SANTOS, A. S.. O gênero na berlinda: reflexões sobre a presença de travestis e mulheres transexuais nos terreiros de Candomblé. In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2013, Salvador. Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2013. v. 01. p. 01-19.

SANTOS, M. S. Tradição e tabu: Um estudo sobre gênero e sexualidade nas religiões afro-

brasileiras. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia) – Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SOGBOSSI, Hippolyte Brice. Vida existencial e identidade no candomblé: uma aproximação. In: Revista Pós-Ciso, vol. 8, 2011.